



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**JUELMA ALVES MANGO**

**O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE GUINEENSE: UMA ANÁLISE DA  
VIOLAÇÃO DOS DIREITOS DA MULHER NO SEIO FAMILIAR**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

**JUELMA ALVES MANGO**

**O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE GUINEENSE: UMA ANÁLISE DA  
VIOLAÇÃO DOS DIREITOS DA MULHER NO SEIO FAMILIAR**

Projeto do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do Professor Dr. Ricardo Benedicto.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

**JUELMA ALVES MANGO**

**O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE GUINEENSE: UMA ANÁLISE DA  
VIOLAÇÃO DOS DIREITOS DA MULHER NO SEIO FAMILIAR**

Projeto do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do Professor Dr. Ricardo Benedicto.

Aprovado em: 11/02/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto (Orientador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudilene Maria da Silva**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rutte Tavares Cardoso Andrade**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	5
1.1	PROBLEMA DE GÊNERO NA SOCIEDADE GUINEENSE	7
<b>2</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	10
<b>3</b>	<b>PROBLEMATIZAÇÃO</b>	12
<b>4</b>	<b>HIPÓTESE</b>	12
<b>5</b>	<b>OBJETIVOS</b>	13
5.1	OBJETIVO GERAL	13
5.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
<b>6</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	13
6.1	OLHAR SOBRE QUESTÃO DE GÊNERO NO CONTEXTO AFRICANO	14
<b>7</b>	<b>PROCEDIMENTO METODOLÓGICO</b>	19
<b>8</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	20
	<b>Referências</b>	21

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como propósito investigar problemas enfrentadas pelas mulheres na sociedade guineense. Nessa perspectiva, esse projeto tem como foco descortinar as violências sofridas pelas mulheres nos meios familiares. Por outro lado, procuremos entender os fatores que motiva a violação dos direitos das mulheres no seio familiar e como isso tem-se mudado ao longo do tempo.

Na verdade, quando estamos a fazer uma pesquisa sobre uma determinada população nunca é demais trazer sua contextualização, pois esta vai servir não apenas para o leitor da língua que o indivíduo está escrever, mas, também vai servir para outras/os que precisarão da tradução para poder entender de qual sociedade a pesquisa se trata. Para isso, trazemos uma localização bem resumida do país a qual pesquisa se refere.

A República da Guiné-Bissau é um país soberano, democrático, laico e unitário situado na Costa Ocidental da África que se tornou independente unilateralmente em 24 de setembro de 1973, independência essa apenas reconhecida pela colônia portuguesa um ano depois. É limitada ao Norte pela República do Senegal, a Leste e Sul, pela República da Guiné-Conacri. Sua superfície total de 36.125km<sup>2</sup> está distribuída em oito (8) regiões nomeadamente: Biombo, Cacheu, Oio, Bafatá, Gabú, Quinara, Tombali e Bolama/Bijagós e também tem três províncias que são: Norte, Leste e Sul, sendo sua capital setor autônomo de Bissau. Cerca de 78% do território se encontram no continente e os outros 22% na parte insular. O clima na Guiné-Bissau é tropical, que varia entre o quente e o úmido. Tem apenas duas estações no ano: a estação da chuva, que começa no mês de maio e termina em novembro e a estação da seca inicia-se na segunda metade de novembro até a primeira quinzena de maio. conforme os últimos dados demográficos atualizados em 2016, produzido por Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau, a população masculina é de 740.981, e a população feminina é de 788.111, o que totaliza a população total de 1.544.777 de habitantes.<sup>1</sup>

Ao longo da história da humanidade, as mulheres sofreram opressão por parte dos seus parceiros, em Guiné-Bissau, essa questão está ligada à processo colonial, no entanto, a colonização contribui no aumento das opressões sofridas pelas mulheres.

De acordo com a Peti Mama Gomes e Artemisa Odila Candé Monteiro (2020), a Guiné-Bissau sofreu com colonização portuguesa, no entanto, era necessária uma revolução armada

---

<sup>1</sup> Instituto Nacional de Estatísticas da Guiné-Bissau, dados demográficos 2016. Disponível em: <http://www.stat-guinebissau.com/>.

contra sistema colonial com objetivo de expulsar radicalmente os colonizadores, nesse processo de luta pela independência as mulheres e os homens lutaram juntas pela independência de Guiné e Cabo-verde que na altura era liderado pelo partido único PAIGC no comando de Amílcar Lopes Cabral. Conforme as autoras, nota-se que as mulheres tiveram participação ativa em diferentes áreas sociais onde muitas delas ocupavam lugar de liderança, estavam juntas aos homens na luta e resistência do domínio colonial com objetivo único a libertação e independência de Guiné-Bissau e cabo-verde. Como dizia o Cabral, graças à grande participação das mulheres que conseguimos a gloriosa vitória.

Ainda Cabral (1999 *apud* MONTEIRO; GOMES, 2020, p. 150), realça sobre questão a participação das mulheres na luta armada para libertação da Guiné e Cabo Verde, os ideais de Cabral era atribuir às mulheres papéis de grande relevância no processo do desenvolvimento e construção da paz, segundo pensamento cabralista é impossível pensar o desenvolvimento de um país deixando as mulheres de fora. Essas palavras maravilhosas do nosso líder imortal Amílcar Cabral caíram por terra após seu assassinato, sendo assim, podemos dizer que o assassinato de Cabral foi uma perda nacional, embora sendo mais importante pelas mulheres, pois as suas ideias e concepção sobre problemas de mulheres eram bastante importantes pela luta das mulheres guineenses e caboverdianas.

As desigualdades entre homens e mulheres são prática da dominação cunhada pelos homens, porém os prejuízos são voltados as mulheres e meninas, pois é a partir da ideia da diferença que as mulheres são oprimidas em várias esferas sociais, portanto, é necessário tomar as medidas legais com objetivo de erradicar a desigualdade entre homens e mulheres dentro da sociedade e gerar no seio da sociedade uma imparcialidade social onde as pessoas terão o mesmo direito e as mesmas oportunidades.

Portanto, na formulação deste projeto, durante as nossas pesquisas procuraremos trazer o enraizamento da desigualdade entre homens e mulheres em África principalmente na Guiné-Bissau e, por outro lado, entender de que forma essas desigualdade estão estruturado no meio social guineense e dentro das famílias, definido pelo contexto sociocultural, econômico, religioso e político, que na maioria das vezes as mulheres são vistas como fracas, ou seja, como incapazes de ocupar elevados postos de serviços e altos cargos políticos.

## 1.1 PROBLEMA DE GÊNERO NA SOCIEDADE GUINEENSE

O problema das mulheres na Guiné-Bissau deve merecer atenção de toda população em geral, principalmente órgão da soberania, pois existem casos de violência contra mulheres de forma absurda, entretanto, o não posicionamento dos órgãos responsáveis sobre as denúncias, motivam os malfeitores a praticar esses atos violentos contra as mulheres por falta do posicionamento do Estado. Posto isso, esses casos motivam as organizações nacionais e internacionais que lidam com o problema de gênero e manutenção da paz, principalmente as que trabalham com violências contra mulheres na Guiné-Bissau e equidade de gênero a realizarem estudos sobre esses fatos. Em seguida, veremos como o problema de mulheres ocorre na sociedade guineense.

No entanto, em busca de dados sobre a violência da mulher guineense, com finalidade de aprofundar e descobrir as formas de violência que as mulheres sofrem, Sílvia Roque et al (2011) fizeram uma pesquisa sobre violência da mulher guineense, a autora traz um dado sobre violência durante a pesquisa eis aqui:

Entre 2006 e 2010, foram registadas, em todos o país, **23.193 denúncias em que as vítimas foram mulheres**, existindo uma clara concentração geográfica destas denúncias: a maioria destes casos foi reportada em Bissau – 8.670 casos, que equivalem a 37% do total – e, de um total de sete esquadras na capital, apenas duas delas concentram a maior parte das denúncias: a 2ª Esquadra (4.592 casos, 53% do total em Bissau) e a 3ª Esquadra (2.018, casos 24% do total em Bissau). (ROQUE et al, 2011, p. 13)

Como pode-se constatar segundo a informação da autora, estes dados trazidos variam de região para região, já no capital houve mais registro sobre violência, onde podemos supor que é o local no qual os poderes estão concentrados, e não tem posicionamento imagine as outras regiões mencionadas que estão com péssimas estruturas policiais. Assim sendo, compreende-se que existe muita presença da violência de gênero na sociedade guineense.

Por outro lado, Roque et al (2011) vai frisar ainda que, os casos denunciados na pesquisa constituem uma incerteza dos números exatos das violências, pois existem outros fatores encontrados na pesquisa que é as violências não denunciadas, a autora afirma ainda que este resultado tem a ver somente com os casos denunciadas, as outras não denunciadas está ligado a falta de confiança entre as mulheres e as autoridades. Muitas das mulheres têm medo de denunciar para não sofrer violência do marido depois da denúncia, pois não recebem a garantia da segurança, após a denúncia, por isso, preferem ficar calada e presa no casamento.

Por conseguinte, Paulo Freire (1979) o grande pensador brasileiro vai dizer que, “não é que os oprimidos não tenham consciência de que são pisados. Mas o estar imersos na realidade opressiva impede-lhes uma percepção clara de si mesmos enquanto oprimidos.” No entanto, se formos relacionar esta citação com a questão da violência contra mulheres, diríamos que os homens são opressores e as mulheres são oprimidas. Elas querem expressar, mas o medo abala seus corações e o sentimento de continuar sofrendo de vítima caso denunciasses. Portanto, veja como a sociedade guineense oprime as mulheres. Roque et al (2011) vai mostrar os fatores que motivam o silêncio das mulheres, ou seja, a não denúncias:

- 1° o grau de presença do Estado e suas instituições;
- 2° a localização da polícia e a acessibilidade da população à mesma ou o seu grau de isolamento (claramente existe um menor acesso às instituições do Estado e à polícia em Quinara, Tombali ou Bolama-Bijagós, as regiões com menos denúncias);
- 3° a confiança ou desconfiança na polícia e o recurso a outras instituições de resolução de conflitos e de punição (é mais elevado o recurso à polícia em zonas mais urbanizadas, como demonstra o caso de Bissau);
- 4° o funcionamento da polícia em cada região e a forma como registam os casos, com maior ou menor cuidado, com mais ou menos meios e formação, etc. (ROQUE et al, 2011, p. 15)

Em concordância com elementos mencionados pela autora, nota-se que a presença policial é muito importante para assegurar cada população, pois são direitos reservados pela constituição, mas acontece contrário, quem é guineense já tem noção da insuficiência dos números dos policiais no capital sem falar das regiões, é de ressaltar que a situação dos policiais regionais é lamentável muitos são apoiadas pela comunidades as comidas, os dormitórios são dados pelos moradores das aldeias, essa situação ainda complica mais os trabalhos deles, entretanto, a uma fragilidade dos órgãos de segurança em relação a problemas ou violências sofridas pelas mulheres guineense, dado que, os dados da pesquisa mostram que um número total de 34% de caso são omitidas do Estado em relação a proteção e defesa de vítimas.

Também, Roque et al (2011) afirma que, nos dados apresentado sobre violência contra mulheres, a uma percentagem mais elevada sobre a violência sofrida pelos maridos ou namorados, a pesquisa mostra que 67% das violências são feitas pelos maridos, sendo assim, pergunta-se, será que existe amor nesses relacionamentos? Esse ponto leva-nos a pensar naquilo que é conhecido como *casamento forçado* (obrigatoriedade de casar), em alguns grupos sociais a questão de *casamento forçado* é entendida como questões culturais. Ngozi (2017) vai mostrar que a cultura até um certo ponto é útil e importante, mas a opressão criada pelo patriarcado contra mulher, isso não tem nada a ver com questões culturais. O caso da cultura é um fator que deve ser analisado e entendido pelo patriarcado, pois proibi à pessoa sua liberdade e direito,



dividir os trabalhos achando que as mulheres são mais perfeitas para trabalhos domésticos é um argumento sem cabimento.

Assim, a sociedade guineense define as mulheres como submissas, para que uma mulher ganhe respeito, ela tem que adequar com os perfis considerados bons para uma mulher. Nesse caso, elas têm que ser respeitadas, obedientes, além disso, precisam comportar com os familiares do homem e a comunidade em geral, e se isso não acontece essa mulher receberá nome pejorativas socialmente, bandida, desrespeitosa, velhaca etc.

De acordo com Sílvia Roque et al (2011), os homens estabelecem os comportamentos das mulheres para serem reconhecidos ou aceites na comunidade/sociedade. Segundo os homens, “para ser respeitada, a mulher deve respeitar o seu homem”, “ser cumpridora das suas obrigações”, “igualar os seus filhos aos filhos das outras mulheres”. Deve ser “trabalhadora e honesta, submeter-se e respeitar o homem”, “ser uma referência para os vizinhos”, “cuidar da casa, marido e filhos”, “não sair para discotecas, saber estar na sociedade e falar com a gente”. Além disso, “não deve ser materialista”, “deve aceitar a hierarquia” e “deve cobrir o corpo”. Para as mulheres, não difere muito o que se pede a uma mulher “a sério”: “tem que se respeitar e fazer coisas de bem”, “deve aceitar os pais e a família do marido, obedecer, não ser uma rapariga que sai até tarde”, “não devem ser escandalosas”, “deve cumprimentar os grandes, vestir-se bem, cobrir a cabeça, ser séria”, “antigamente, para ser respeitada tinha que trabalhar para os velhos e respeitar toda a gente”, é alguém que “cumpre as funções da casa, não tem amantes, não anda na bebedeira na rua, tem a casa e a roupa organizadas”.

Em sintonia com a autora, percebe-se que a séries obrigações criadas pelos familiares de ambos lados para que as mulheres adequam a esses perfis considerados como bons, porém o comportamento da mulher pode ser muito fatal no relacionamento entre família da mulher e do homem os anciões apoia essa questão, de modo que essas mulheres não tem outro refúgio a não ser aceitar mesmo contra suas vontades.

Também, Carmen Pereira (1978 *apud* GODINHO; 2016, p .80) evidencia que, “(...) a posição das mulheres era de grande atraso. Para cumprimentar o marido, ela chegava ao ponto de se ajoelhar diante do marido. Enquanto trabalhava nos campos, o marido ficava em casa. Ela trabalhava até ao pôr do sol, regressava a casa, preparava e servia-lhe a refeição, ia buscar água para o marido se lavar. Era bastante submissa”. Dessa forma, podemos ver que o problema de mulher na sociedade guineense é de longa data, por outro lado, são obrigadas a trabalhar e o marido fica em casa, depois de todo o cansaço de trabalho chega em casa e preparar tudo ao marido.

Essas opressões acabam por afetar as mulheres até ao ponto de compactuar com as posições dos maridos e familiares, pois para elas esse fenômeno já é algo costumeiro. Conforme as entrevistas feitas pela Roque, nota-se a ideia de conformismo nas suas falas, segue os depoimentos. Segundo a autora, os grupos de raparigas de Bubaque argumentam que, “O homem é chefe de família, responsável de tudo o que está na casa. Os velhos dizem que a mulher não pode estar acima do homem, então conformemo-nos com isso (rapariga, Bubaque)”. Já as mulheres de Bafatá realçam o mesmo fator: "O homem é sempre chefe, mesmo que não faça o que lhe compete. As mulheres são moles, não têm respeito. Mas o chefe nem sempre tem razão. Deve aceitar-se o que é bom. Quando não se concorda deve-se tentar falar com ele, mas em privado e com cuidado. Homem tem temperamento não se pode discutir com ele em público (grupo de mulheres, Bafata)” (ROQUE et al, 2011).

Todavia, muitos intelectuais abordam a questão sobre a presença de patriarcado nas sociedades africanas, exemplo das quais Oyěwùmí; Amadiume e os demais não mencionados/as. Reportam que nas suas sociedades não existia a diferenciação entre homens e mulheres só chegou com a vinda dos colonizadores. Até aqui tudo certo, mas se a questão da opressão já se infiltrou completamente na sociedade africana, o que é necessário fazer em vez de continuar na narrativa do processo colonial. A meu ver, é indispensável o engajamento de mulheres o mais rápido possível para reivindicar contra violência de mulheres na Guiné-Bissau, embora admitimos que houve um avanço no que se refere a emancipação das mulheres nas esferas sociais, mas são necessários ainda mais esforço e colaboração de toda população guineense.

Enfim, é de suma relevância a criação de um projeto, que vai ocupar dos problemas sofridas pelas mulheres, organizar grupos de base em diferentes regiões esses grupos terão como objetivo conscientizar mulheres sobre seus direitos e deveres, e como denunciar perante as violências sofridas, portanto, a organização desses grupos serão fundamentais no combate a opressão contra mulheres.

## **2 JUSTIFICATIVA**

O presente projeto de pesquisa se justifica em propor um debate saudável sobre a questão de violações dos direitos das mulheres na Guiné-Bissau, focalizando mais na análise da violação do direito dentro do seio familiar.

A minha paixão por pesquisar essa temática surgiu, justamente, do meu contato com as literaturas feministas a quando ingressei na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, a partir desse momento comecei a ter acesso às obras feministas conscientizadoras. Assim sendo, comecei tentar fazer uma relação dessas literaturas com as minhas vivências como sendo mulher guineense, posteriormente, ao ler trabalhos das minhas colegas que já trabalharam a questão de opressão sofridas pelas, isso me impulsionou ainda mais a contribuir para divulgação de trabalhos que tem por finalidade combater a inferiorização das mulheres. Estes trabalhos a seguir são reflexo da escolha dessa temática que pretendo pesquisar que é papel das mulheres na sociedade guineense: uma análise da violação dos direitos das mulheres no seio familiar. A pesquisa da Sílvia Roque com o título um retrato da violência contra mulher na Guiné-Bissau; o trabalho da Epifânia Aristides Arlete da Silva com o tema Desigualdade de gênero na Guiné-Bissau: mulheres na política; a produção acadêmica da Noêmia Armando Monteiro intitulado Mulheres na luta de libertação: contribuições na educação e formação de quadros (1962-1974). Esses e entre muitos trabalhos ainda não mencionados aqui, proporcionaram debates voltadas as opressões enfrentadas pelas mulheres guineense e suas contribuições durante processo do desenvolvimento do país, no entanto, essas pesquisas servem como alicerce para inspiração desse projeto.

Por outro lado, este trabalho assume uma tarefa de grande relevância, pois vai aumentar as produções já existentes no campo acadêmico, porém sabemos a questão da opressão das mulheres ainda na Guiné-Bissau é pouca debatida o que impossibilita o acesso das meninas a produção científica que possa conscientizá-las em relação a várias forma de violação dos direitos que até então a maioria das mulheres entendem como normal, pois são ensinadas desde infância a submeter perante os homens. Ainda esse projeto vai adicionar as produções existentes sobre defesa dos direitos das mulheres em África, principalmente na Guiné-Bissau. Além disso, esta pesquisa servirá também para os futuros pesquisadores nesse campo de estudo. Assim, este trabalho quando transformar-se numa realidade vai servir não só para sociedade guineense, mas também para a sociedade em geral.

Entretanto, é de suma importância pesquisar sobre questões relacionadas as mulheres, sobretudo no que se refere a continente africano devido a fase embrionário desse debate, pois permitirá compreender a forma como as mulheres sofrem opressões nessas sociedades, em especial no meio social guineense. Porém ao pesquisar, ou seja, ao produzir trabalhos que defendem violação do direito das mulheres ajudará na conscientização da população com relação a esse debate como é vista nos dias atuais nota-se uma diminuição com relação a este

fenômeno, devido a produção incessante de matérias sobre violação dos direitos das mulheres, para isso, vê-se hoje em dia uma evolução de olhar sobre as questões relacionadas às mulheres. Posto isso, o presente projeto visa conquistar um espaço no cenário sociocultural da Guiné-Bissau.

Já no que se refere a questão política, esse trabalho e entre os outros já publicados podem servir como um base para reconhecimento do Estado no que diz respeito às políticas que de certa forma ajudará em diminuir a inferiorização das mulheres na sociedade em causa, ainda o Estado guineense pode desenvolver programas de promoção dos direitos das mulheres em todas vertentes.

Portanto, a minha posição como mulher africana que passou por um processo educativo machista onde somos ensinadas a calar perante os homens, visa, por meio este projeto contribuir para combate da violação dos direitos das mulheres no meio social a qual pertença.

### **3 PROBLEMATIZAÇÃO**

Perante as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na sociedade guineense, e os números absurdos das violências sofridas pelas mulheres preparamos seguintes questões de pesquisas que posteriormente serão desenvolvidas no campo.

- De que maneira as mulheres sofrem violência no seio familiar e como isso contribui para inferiorização das mulheres na sociedade guineense e conseqüentemente seus direitos?
- Por que motivo ocorre as violências contra mulheres no seio familiar?
- De que modo os órgãos judiciais posicionam perante à violação dos direitos das mulheres dentro da linhagem familiar?

### **4 HIPÓTESE**

Partimos do pressuposto de que a violência contra mulher na Guiné-Bissau acontece por causa do machismo presente na nossa sociedade, por outro lado, a educação machista familiar continua ser um ponto que mais assegura essa masculinidade tóxica, pois desde muito pequena as crianças crescem com essa ideologia de que os homens são superiores e as mulheres devem

respeitá-los. Alguns casais muitas das vezes desejam ou imploram para que o primeiro filho seja o menino porque o herdeiro deve ser o menino em vez da menina, onde o menino tem mais direito de estudar e formar porque um dia vai ser responsável da família, esses são alguns dos fatores que possibilita com que haja pouca participação das mulheres na educação e nas áreas políticas. Entretanto a desigualdade entre homens e mulheres ganhou mais força por conta exatamente do período da colonização e por falta da posição dos órgãos de soberania responsáveis para imputar as responsabilidades aos violadores dos direitos das mulheres.

## **5 OBJETIVOS**

### **5.1 OBJETIVO GERAL**

Analisar o modo como as mulheres sofrem violência no seio familiar e como isso contribui para inferiorização das mulheres na sociedade guineense e conseqüentemente seus direitos.

### **5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar a forma como ocorre as violências contra mulheres no seio familiar;
- Compreender o posicionamento dos órgãos judiciais perante à violação dos direitos das mulheres no dentro da linhagem familiar;
- Investigar as maneiras como são violados os direitos das mulheres na sociedade guineense;

## **6 REFERENCIAL TEÓRICO**

O problema das mulheres em sociedades africanas é uma questão ainda que precisa ser contextualizada e estudada, pois ela se encontra numa fase embrionária devido às questões consideradas culturais, essas questões culturais acabam inferiorizar, discriminar e violar direito das mulheres, esse fato tem merecido preocupação enorme das estudiosas sobre problema de

gênero em África podemos destacar alguns nome: Chimamanda Ngozi Adichie, Oyèwùmí, Oyèrónké, Artemisa Odila Candé Monteiro, Ifi Amadiume e muitas não mencionadas no texto.

## 6.1 OLHAR SOBRE QUESTÃO DE GÊNERO NO CONTEXTO AFRICANO

A desigualdade de gênero nos dias atuais é um debate muito frequente nas universidades as grandes intelectuais feministas têm produzido trabalhos, encontros, seminários etc. com finalidades de conscientizar a camada feminina sobre violências sofridas por elas que outra hora são vistas como algo normais. Essas questões levantadas por feministas brancas, de certa forma impulsionou os debates feministas no continente africano, as intelectuais feministas africanas começaram a debruçar sobre essa temática voltadas as violências contra mulheres no continente. Vale ressaltar que essa questão teve interpretação diferentes pelos próprios feministas africanas, no entanto, esse subtítulo vai trazer olhares diferentes sobre debate feminista em África.

Assim sendo, nas análises feitas pelo Hélder Pires Amâncio e Vera Fátima Gasparetto (2017), enfatizam que o processo de feminismo em África pode ser compreendido em duas fases de reflexão. A primeira deve ser voltada a análise da forma como o feminismo começou em África e de que maneira se evoluiu, a segunda fase deve passar por questionamento a ideologia feminista ocidental sobre o modelo de explicação da realidade das mulheres africanas a partir do olhar ocidental feministas sem levar em consideração as diferenças culturais. Ainda, esses autores realçam que, ao momento que esse debate se integra nas discussões dos/as intelectuais africanos/as influenciou bastante nas investigações sobre problema e dificuldades que as mulheres enfrentam. No entanto, Ifi Amadiume (2001), menciona algumas temáticas pesquisa pelas autoras feministas africanas que são:

emancipação política; educação e treinamento; empoderamento econômico; programas de ajuste estrutural; acesso das mulheres a melhores empregos; acesso mais fácil às mulheres, crédito para empresas geradoras de renda ou compra de terrenos ou propriedade; mulheres e saúde, o que destaca a necessidade das mulheres de ter acesso a serviços de saúde, particularmente saúde reprodutiva e sexual; ambiente e saúde; mulheres e o estado - a questão da guerra, violação, repressão e violência estatal; mulheres e políticas - liderança e participação política; mulheres e direitos e justiça social - é política, reforma legal e ações concretas para capacitar as mulheres; e assim por diante (AMADIUME, 2001, *apud* GASPARETTO; AMÂNCIO, 2017, P. 3)

Em consonância com o argumento trazido pela autora, vesse os pontos importantes pesquisados por essas intelectuais feministas, pois é evidente como as mulheres são

inferiorizadas nesses campos de estudos elencada pela Amadiume. Pode-se destacar três elementos fundamentais nesses grupos de temas pesquisadas eis aqui: educação, política e empoderamento econômico. Esses pontos destacados podem ser considerados ao meu ver foco de luta pelo empoderamento feminino em África.

Por conseguinte, os estudos sobre mulheres em África têm ganhado espaço na senda das estudiosas africanas, porém, é através dessas pesquisas que vai permitir uma conscientização sobre a discriminação sofridas pelas mulheres africanas, nessa busca de emancipação feminina é necessário levamos em consideração as questões culturais de cada país devido a diversidade cultural existente em África, para não cair no mesmo erro cometido pelas feministas euramericanas que é universalização cultural.

Consoante, Babi Bakare Yusuf (2003, *apud* GASPARETTO; AMÂNCIO, 2017), a África é um continente formado por um mosaico cultural diversificada, essa multiculturalidade é cunhado nas suas tradições culturais pelos povos de diferentes grupos sociais, seus idiomas, todos esses conjuntos de fatores mencionado é uma prova verídica de que o continente africano não pode ser estudado de forma generalizada, principalmente quando se trata de gênero, a não ser que seja um estudos estereotipadas sobre esses povos como tem sido feito pelos antropólogos pré-coloniais. Assim sendo, a autora mostra que as ações de gênero em África estão atreladas a esses dois campos históricos e interdepende. Esse fato afirmado pela autora reforça a ideia da imposição do feminismo ocidental na ideologia feminista africana.

De acordo com Silva “A luta das mulheres girava em torno da preservação destas instituições. No entanto, a imposição do regime colonial e a atividade missionária, paulatinamente, foram modificando as estruturas familiares existentes, reduzindo a autonomia e a mobilidade dos grupos domésticos” (SILVA, 2018 p. 971).

Nesse hiato, entraremos num debate muito feroz sobre a questão em discussão que é ligação entre gênero e colonialismo em África, principalmente na particularização de tarefa entre homens e mulheres, muitos intelectuais feministas contestaram a questão do feminismo em África, pois acreditam que infiltrou de forma errada nas sociedades africanas, ou seja, o problema enfrentado pelas mulheres euramericanas é totalmente diferente com as enfrentadas pelas mulheres africanas. A partir do contato com o colonialismo, instalou-se novas estratégias, e essa nova forma de vivência acabou por afetar as posições ocupadas pelas mulheres em vários povos africanos, pois o regime colonial privilegia mais os homens em relação às mulheres. Entretanto, essa questão foi bastante criticada pelos intelectuais feministas africanos, porém

acreditam que o privilégio de gênero masculino em sociedades africanas é legitimado pelo regime colonial.

Nessa linha de pensamento Oyeronke Oyěwùmí (2004), afirma que a forma da constituição familiar no continente euroamericano é totalmente diferente com a que existe em África, principalmente na sociedade Iorubá, visto que a família nuclear é bastante restrita. Nessa senda, a autora faz um relato daquilo que é a formação da família Iorubá e como os trabalhos são divididas, segundo Oyěwùmí (2004);

A família Iorubá tradicional pode ser descrita como uma família não-generificada. É não-generificada porque papéis de parentesco e categorias não são diferenciados por gênero. Então, significativamente, os centros de poder dentro da família são difusos e não são especificados pelo gênero. Porque o princípio organizador fundamental no seio da família é antiguidade baseada na idade relativa, e não de gênero, as categorias de parentesco codificam antiguidade, e não gênero. Antiguidade é a classificação das pessoas com base em suas idades cronológicas. (OYĚWÙMI, 2004, p. 6)

Por meio da explanação da autora compreende-se a larga diferença entre a forma de interpretação da problemática de gênero nas sociedades euramericanas e sociedades africanas, Oyěwùmí ainda afirma que na sociedade a qual ela estudou não existe a questão de gênero, ou seja, a diferença entre homens e mulheres, pois existem termos comuns que são utilizados por esses povos e vale tanto para os homens assim como para mulheres, a diferenciação entre masculino e feminino só instalou nessa sociedade devido ao processo colonial. Ainda autora ressalta que o poder nos Iorubás não tem nada a ver com o sexo, uma vez, o princípio de poder tem haver mais com a idade, a que tem mais idade é que detém poder em relação aos mais novos. Portanto, a ideologia debatida pela Oyěwùmí, além de reforçar a ideia de gênero é uma construção social, questiona a forma generalizada de análise da questão de gênero.

Ainda na mesma lógica, Ifi Amadiume (1987 *apud* ASSUNÇÃO, 2020, p. 3) , no seu trabalho argumenta sobre sua experiência na sociedade Igbo onde ela nasceu, conforme autora, a questão de herança na sociedade Igbo é bastante relativo, isso significa que os pais podem deixar suas heranças com a filha, está quando recebeu a herança passa a desempenhar papéis como os homens, a partir desse momento ela passa a ser vista como homem nesse meio social, sendo assim, de acordo com a autora ela pode até casar com uma mulher com intuito de conservar e aumentar a herança.

Conforme narrativas trazidas pelas autoras, pode-se compreender que em algumas sociedades africanas os homens e as mulheres viviam numa relação cultural de irmandade sem discriminação sexuais, isto é, vivam lado a lado, os valores de matriarcado assim como de patriarcado são respeitados pelo ambas partes as relações eram saudáveis. Contudo, a presença



árabe e europeia destruiu essa irmandade e respeito existente nas relações conjugais. Essas duas presenças citadas contribuíram bastante na supremacia do patriarcado sobre matriarcado africano.

No entanto, desde período colonial e a invasão arábica, até aos dias atuais as mulheres africanas continuam sofrer opressão em diferentes sociedades em detrimento da cultura, o que significa que as mulheres têm que aceitar imposições posta por essas culturas. Em seguida veremos como essa dominação influenciado pelo regime colonial viola direito das mulheres em algumas sociedades.

Na sociedade Cabo-Verdiana a questão da masculinidade é tóxica, as mulheres sofrem discriminação forte, principalmente as casadas, são proibidas de exercerem seus direitos e usufruir dos bens conjugais. Maria Ivone Tavares Monteiro (2013) vai relatar sua pesquisa feita sobre mulheres cabo-verdianas. De acordo com a autora, as mulheres cabo-verdianas sofrem bastante no casamento, nas entrevistas feitas com uma dona de casa. Monteiro destaca que, na entrevista com Arlinda uma mulher de 42, a entrevistada relata o seguinte:

A vida é complicada, eu às vezes penso em deixar as chatices de homem para lá, mas já tenho quatro filhos com aquele *mufino* (ex-companheiro) não tive sorte, agora estou com o pai da minha filha mais nova, se eu terminar com ele tenho que arranjar outro homem e ter outro filho. Por isso, me consolo com este, apesar de saber que ele tem a sua mulher, faço isso por causa dos meus filhos, porque não é bom ter cada filho com um pai, as crianças crescem com diferença uns dos outros, por mais que se tente, a amizade entre eles não fica igual aos que têm o mesmo pai, cada um tenta puxar para o seu lado e fica uma família *de riba pa baxu*, feio mesmo. (Arlinda, 42 anos, comerciante) (MONTEIRO, 2013, p. 31)

Outrossim, a partir do relato da entrevistada fica evidente a forma como a mulher é obrigado a sofrer por causa dos filhos numa relação conjugal, mesmo sabendo que seu marido tem namoradas, as mulheres tem receio de ter filhos com diferentes pais, enquanto que os homens usufruem dessa regalia, se acontece ao contrário a mulher é considerada como vagabunda.

Segunda autora, a dona Joana ainda afirma que ela sofreu bastante com seu marido, por causa da idade dos seus filhos e também preocupava em organizar sua família, embora sua família não esteja organizada da forma que ela quis, mas por causa dos seus filhos a dona Joana não quer abandonar o casamento. Além disso, o homem às vezes traz suas namoradas para ficar em casa, sendo assim, a primeira mulher passa a ter rival em casa, entretanto precisa redobrar seu esforço para não perder o marido. Segundo Monteiro (2013), quando o homem tem mais de uma mulher em casa dá-lhes maior status perante colegas.

Por outro lado, João Lopes Filho (1995), enfatiza a questão de um ritual de casamento em algumas ilhas no Cabo-Verde. Conforme Lopes filho (1995) salienta que:

após o casamento, quando os noivos chegam na residência, a noiva, antes de entrar na casa deve parar para escutar os conselhos de uma pessoa mais experiente reforçando o cumprimento dos seus deveres de esposa, enquanto isso, o noivo tem outro ritual específico, ele finge entrar na casa por duas vezes e só numa terceira é que entra e vai ao encontro da noiva, que já se encontra sentada a sua espera, esse ritual tem o significado de reforçar que o lugar da mulher é em casa e do homem na rua, podendo este entrar e sair na hora que bem entender. (FILHO, 1995, p. 38)

Nesta ótica, pode-se perceber através do argumento do autor como o simbolismo cultural limita o direito das mulheres, esse ritual feita dá ao homem toda a liberdade de sair e voltar para casa quando quiser e a mulher deve ficar em casa cuidando das crianças e tarefas domésticas, entende-se que os conselhos que a mulher recebe pelos anciões é meramente de ficar em casa por isso naquele momento o homem sai e entra assim sucessivamente até finalizar o processo.

Já em Moçambique a maior problema das mulheres é a questão dos bens da herança, conforme Aleia Rachide Agy (2018) ressalta que, “A terra é vista pelos agregados familiares chefiados por homens e chefiados por mulheres como um recurso de poder, na medida em que o acesso é considerado como o garante do sustento e da continuidade da família. Depois do casamento, o homem é quem decide onde é que o casal deve ir viver e as áreas de produção, como retratam os relatos” (AGY, 2018, p. 383). Assim sendo, percebe-se que as mulheres estão somente para servir aos homens e cuidar de casa.

Na visão da autora, os homens moçambicanos são muito cuidador com suas heranças, por isso antes de casar uma mulher eles tentam estudar essa mulher para poder saber se um dia iam divorciar ou não, se no caso o homem percebe algo que ele considera de errado rapidamente deixa mulher para não causar problemas futuras. Além disso, mesmo tendo filhos com a mulher no momento do divórcio a mulher não leva nada, assim essa mulher fica mais vulnerável. Este ato machista é bastante triste, só homem que pode estudar a mulher, a mulher fica somente à espera da eventual expulsão da casa.

Portanto, os debates trazidos durante esse subtítulo foram significativos, além de construir ou sustenta os debates trazidas, porém me ajudou bastante em compreender e aprofundar sobre as concepções dos problemas de gênero em sociedades africanas e como essas ideias foram debatidas no contexto africano, também como a questão de gênero instalou-se em África. Enfim, esperamos aprofundar mais sobre o conceito de gênero nas sociedades africanas.

## 7 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Durante o procedimento da nossa pesquisa utilizaremos diferentes métodos científicos que em seguida destacaremos.

Para tanto, utilizaremos a pesquisa bibliográfica, porém é um método de pesquisa muito importante na elaboração de uma pesquisa, pois antes da própria pesquisa dita é realizado as consultas bibliográficas para poder ter mais noções sobre o assunto a ser pesquisado. Entretanto, conforme João José da Fonseca (2002, p. 32), a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de websites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já foi estudado sobre o assunto.

Ainda trabalhamos com a pesquisa qualitativa e quantitativa pois permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular. Ele não se limita ao que pode ser coletado em uma entrevista: pode entrevistar repetidamente, pode aplicar questionários, pode investigar diferentes questões em diferentes ocasiões, pode utilizar fontes documentais e dados estatísticos (Mirían Goldenberg, 1997, p. 62).

Como esse nosso projeto é voltada as violências sofridas pelas mulheres no seio, propomos fazer um mapeamento em todas oito regiões da Guiné-Bissau, como bem sabemos que essas violências não ocorrem somente no capital Bissau, o propósito é entrevistar as mulheres, pois acreditamos que são portadoras de mais informações sobre o assunto em causa. O modelo de entrevista a ser aplicada é semiestruturada. Segundo Eduardo José Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

## 8 CRONOGRAMA

<b>SEMESTRES</b>	<b>1º</b>	<b>2º</b>	<b>3º</b>	<b>4º</b>
Revisão Bibliográfica	<b>X</b>	<b>X</b>		--
Pesquisa de Campo	--	<b>X</b>	<b>X</b>	--
Sistematização dos dados	--	--	<b>X</b>	--
Análises dos dados	--	--	<b>X</b>	<b>X</b>
Redação e apresentação do artigo ou monografia	--	--	<b>X</b>	<b>X</b>
Ajustes e entrega final (artigo ou monografia)	--	--	--	<b>X</b>

## Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Editora Companhia das Letras, 2017.
- AGY, Aleia Rachide. **Desigualdades de gênero em contextos rurais em Moçambique: estudos de caso em localidades na província de Nampula** Desafios para Moçambique, 2018.
- ASSUNÇÃO, Helena Santos. **Reflexões sobre perspectivas africanas de gênero**. cadernos pagu, 2020.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FREIRE, Paulo, 1921 - **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- GASPARETTO, Vera; AMÂNCIO, H. **Gênero e feminismos em África: temas, problemas e perspectivas analíticas**. Simpósio Temático: leituras e olhares de (e) sobre África em perspectiva de gênero. Trajetórias, construções e percursos. Anais do 13º Mundos de Mulheres e Fazendo Gênero, v. 11, 2017.
- GOLDENBERG, Mirían. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8ª ed. - Rio de Janeiro: editora Record, 2004.
- GOMES, Patrícia Godinho. **A Mulher guineense como sujeito e objecto do debate histórico contemporâneo**: Excertos da história de vida de Teodora Inácia Gomes1. Africa Development, v. 41, n. 3, p. 71-95, 2016.
- GOMES, Peti Mama; MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. **Os desafios da lei de paridade na sua dimensão social e política: o caso das mulheres na Guiné-Bissau**. cadernos de África contemporânea, v. 3, n. 6, 2020.
- LOPES FILHO, João. **Retalhos do quotidiano**. Lisboa: editora caminhos, 1995.
- MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.
- MONTEIRO, Maria Ivone. **Família e gênero na perspectiva das mulheres kumbóssas: um estudo etnográfico no Concelho de Santa Catarina, Ilha de Santiago/CV**. 2013. Dissertação de Mestrado.
- OYĔWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas**. CODESRIA Gender Series, v. 1, p. 1-8, 2004.
- ROQUE, Silvia et al. **Um retrato da violência contra mulheres na Guiné-Bissau**: Government of the Republic of Guiné-Bissau and United Nations Integrated Peacebuilding Office in Guinea-Bissau, 2011.

SILVA, Epifânia Aristides Arlete da. **Desigualdades de gênero na Guiné-Bissau: mulheres na representação política.** 2019.

SILVA, Tatiana Raquel Reis. **Lutas e formas de organização feminina em África: considerações sobre Guiné-Bissau, Moçambique e Cabo Verde.** Revista de políticas públicas. UEMA, 16/05/2018.